

## “EFEITOS DE LUGAR” SOBRE O PROJETO DE FUTURO DE JOVENS DA ROCINHA

ROSANGELA CARRILO MORENO

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil

MARIANA GOMES ARAÚJO

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil

---

**RESUMO:** Este trabalho visa compreender o projeto de futuro de jovens moradores da Rocinha, que se engajaram coletivamente para produzir um evento de “batalha de rimas”, tendo como fio condutor a noção de efeitos de lugar, conforme proposto por Bourdieu (1993), na obra *A miséria do mundo*. A metodologia inclui entrevistas semiestruturadas sobre as trajetórias de quatro líderes à frente da atividade; observações diretas em momentos de interação entre eles e durante as “batalhas de rima”. Os resultados sugerem que os jovens se projetam como produtores e artistas da cultura *hip hop* e se recusam a uma expectativa vinculada ao sucesso escolar, assim como à resignação aos trabalhos de baixo prestígio social. Para isso, eles operacionalizam um trabalho de ajustamento de seus projetos, ao longo de suas trajetórias e experiências.

**PALAVRAS-CHAVE:** Juventude; Projeção de Futuro; Ação Coletiva; Favela.

---

### INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo compreender o projeto de futuro de jovens da favela<sup>1</sup> que lideram a organização de uma ação coletiva, a Roda Cultural da Rocinha. Trata-se de indagar sobre a construção de projetos de futuro, considerando as disposições que os constituem, a configuração socioespacial específica em que vivem esses jovens, e os possíveis efeitos dessa ação coletiva sobre a elaboração dos projetos.

Para entender como os indivíduos formulam seus projetos de futuro, mobilizamos a teoria da ação desenvolvida por Bourdieu, que propõe um ajuste entre as esperanças subjetivas e as chances objetivas (BOURDIEU, 1974). O conceito de *habitus* é uma ferramenta fundamental para a explicação de inspiração bourdiesiana. Ele

[...] é o princípio gerador de respostas mais ou menos adaptadas às exigências de um campo, [é o] produto de toda a história individual, [...] das experiências formadoras da primeira infância [e] de toda a história coletiva da família e da classe (BOURDIEU, 2004, p. 131).

Para Nogueira e Resende (2022), essa formulação analítica tende a privilegiar as regularidades sociais de grupos e classes sociais, reforçando, portanto, a forte correlação vista pelas estatísticas entre origem social, destino escolar e destino profissional. Para avançar na análise, consideramos que as disposições individuais são formuladas pelas múltiplas experiências socializadoras, sendo o resultado dos encontros, das interações, “[...] da participação em redes de relações de vários tipos que se desenvolvem num

espaço social historicamente definido, isto é, concretizado em modos de fazer, modos de pensar que orientam microdecisões cotidianas" (MORENO; ALMEIDA, 2009, p. 132).

Compreender as aspirações de lideranças engajadas na Roda Cultural da Rocinha permite verificar a hipótese de que a atuação em uma ação coletiva pode constituir um fator significativo para a elaboração do futuro desses jovens. Partindo dessa hipótese, inspiramo-nos no trabalho de Fillieule (2005), que interroga as consequências biográficas de uma ação militante.

A Roda Cultural da Rocinha é uma atividade centrada na "batalha de rimas", uma expressão cultural e artística inspirada na cultura *hip hop*, que visa, sobretudo, ocupar espaços públicos e oferecer acesso gratuito aos eventos, servindo, ao mesmo tempo, como forma de divulgação de produtos artísticos e validação no mundo do *rap* daqueles que participam das batalhas (GONÇALVES, 2014).

Trata-se de uma forma de engajamento juvenil, dentro das novas configurações de participação política, que visam a agir sobre o espaço público (SPOSITO; ALMEIDA; CORROCHANO, 2020). As batalhas de rima incluem ocupar uma das praças da favela, pintar o local, trocar a iluminação, angariar recursos, movimentar o comércio local, afetando um espaço marcado pelo abandono por parte das instituições públicas e pelo estigma que ronda as favelas e as periferias das grandes cidades. Somam-se a essas intervenções ações como: coleta de alimentos e roupas para distribuir para a associação de moradores; e exposição de quadros e artesanato de moradores da Rocinha. Práticas que buscam valorizar, por meio da expressão artística, a cultura dos jovens da favela.

A valorização da Rocinha, na perspectiva das lideranças da Roda Cultural, ocorre, em parte, pela luta contra os estigmas associados à favela. Os estereótipos de "desorganização" e "marginalidade" constroem uma imagem negativa da favela na estrutura social, como podemos ver no trabalho de Perlman (2003).

Ao observarmos os jovens da Rocinha, a configuração socioespacial da favela se impôs como uma dimensão incontornável. A noção de "efeitos de lugar", de Bourdieu (1993), revelou-se da maior importância, justamente porque o autor se dedica a pensar sobre lugares nomeados como "guetos" ou "subúrbios", particularmente, em países como Estados Unidos e França. A característica em comum dessas regiões é "[...] uma ausência – essencialmente do Estado, e de tudo o que disso decorre: a polícia, a escola, as instituições de saúde, as associações, etc." (BOURDIEU, 1993, p. 249). A "demissão do Estado" é considerada parte de uma política neoliberal, na qual a segregação espacial é "[...] favorecida e reforçada pela retirada do Estado" (BOURDIEU, 1993, p. 349).

Trinta anos após a publicação de *A Miséria do Mundo* (BOURDIEU, 1993), a segregação espacial permanece como um fator crucial que estrutura as grandes metrópoles brasileiras. Argumentamos que a análise desenvolvida pelo autor para pensar as regiões periféricas no contexto americano e francês pode ser transposta para o Brasil e serve para interrogar como se constitui o universo de possíveis dos jovens engajados na "batalha de rimas" na favela da Rocinha.

Bourdieu propõe pensar o lugar, considerando as relações entre as estruturas sociais e físicas. Para ele, o lugar pode ser designado como espaço físico, e este, por sua vez, é a materialização do "espaço social reificado" que se concretiza na distribuição do espaço físico, de bens e serviços, além de agentes individuais e grupos situados. Como o autor argumenta, "É na relação entre a distribuição dos agentes e a distribuição dos bens

no espaço que se define o valor das diferentes regiões do espaço social reificado” (BOURDIEU, 1993, p. 252). Assim, as grandes oposições sociais são objetivadas nas estruturas físicas e mentais, são percebidas como propriedades negativas e positivas, segundo as hierarquias estabelecidas pelo resultado de lutas no mundo social.

É o volume de capital – no vocabulário de Bourdieu – que confere poder sobre o espaço físico e social. Por essa razão, o lugar de residência torna-se uma variável do espaço social, um trunfo, o que, junto com outras espécies de capitais, compõe a posição social de indivíduos e grupos (RIPOLL, 2020). Mobilizar as ferramentas apresentadas sobre os “efeitos de lugar” para interrogar como se constituem as aspirações de futuro dos jovens em foco nesta pesquisa significa considerar a configuração socioespacial da Rocinha em sua estrutura física, social e mental.

#### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O artigo embasa-se na observação do campo, especialmente da Roda Cultural da Rocinha, e em entrevistas<sup>2</sup> semiestruturadas com quatro jovens que organizam e lideram a atividade. A pesquisa foi desenvolvida entre 2020 e 2021 e, portanto, no período de isolamento social, em virtude da pandemia causada pelo COVID-19. Apesar da situação de isolamento, uma das pesquisadoras, além de moradora da Rocinha, frequentava a Roda Cultural desde seu surgimento, em 2018, o que favoreceu a relação de confiança criada pela proximidade social e pela familiaridade com os jovens, que solicitaram um encontro coletivo, via plataforma digital, para conhecer a segunda pesquisadora.

As entrevistas tiveram duração de uma a duas horas e, em alguns casos, aconteceram mais de uma vez, visando a reconstruir a trajetória social dos jovens. O roteiro incluía informações econômicas e educacionais dos jovens e de suas famílias, e pretendia reconstruir as posições sociais das famílias em duas gerações, a dos pais e a dos avós. Além dos indicadores de escolarização e de profissionalização, consideramos os deslocamentos, como as mudanças de cidade e de estado, e os sentidos das trajetórias dos jovens e de suas famílias. Havia, ainda, questões relativas às múltiplas socializações: a família, a escola, o trabalho, o lazer, a religião e as atividades extraescolares. Também buscamos apreender os modos de pensar dos jovens sobre os futuros imaginados para si e sobre a ação na Roda Cultural da Rocinha e os desdobramentos dessa atuação ao longo do tempo.

As primeiras entrevistas ocorreram via plataformas digitais e algumas foram efetuadas presencialmente, em um período de abrandamento da crise sanitária. Várias conversas informais foram estabelecidas via WhatsApp. As observações sistemáticas da Roda Cultural da Rocinha se deram a partir de novembro de 2020, quando houve o retorno às atividades, mas sem regularidade. Em agosto de 2021, as atividades foram retomadas semanalmente, e as observações continuaram até dezembro do mesmo ano.

As entrevistas e as observações em campo foram analisadas considerando outras fontes, como trabalhos acadêmicos sobre o tema, divulgação das batalhas de rima em jornais e publicações nas redes sociais (Facebook, Instagram e Youtube). Ao reunir esse material, passamos a pensar a atuação dos jovens na Roda Cultural não como uma ação singular local, mas como uma forma de engajamento difundida pela cidade.

O grupo de lideranças é formado por 4 jovens que, no momento das entrevistas, tinham entre 25 e 29 anos, portanto, um grupo mais próximo do que é entendido socialmente como mundo adulto. Nós os consideramos jovens tendo como referência o Estatuto da Juventude, que estabelece aqueles entre 15 e 29 anos de idade como parte dessa categoria. O grupo é constituído por três garotos, dois que se autodeclararam como negros e um como branco, e uma garota que se designa branca. O número pequeno de indivíduos está diretamente relacionado ao número limitado de organizadores das batalhas de rima na Rocinha. Há, contudo, uma diversidade no interior do grupo, de gênero e raça, o que permite pensar que jovens, ainda que oriundos de um mesmo meio social, não se constituem como uma categoria homogênea (SPOSITO; TARÁBOLA, 2017; CARRANO, 2019; TOMIZAKI; DANILIAUSKAS, 2018).

Os três jovens que fundaram o grupo desempenham funções específicas na divisão do trabalho das batalhas de rima: produção, mestre de cerimônia e *staff*, enquanto a garota foi incluída posteriormente, para assumir tarefa de divulgação nas mídias do grupo, fazendo fotos e filmagens dos eventos, o que evidencia a reprodução, em pequena escala, da divisão sexual do trabalho: os homens na produção, em evidência, e as mulheres encarregadas das relações sociais, de mantê-las e ampliá-las visando a consagrar o protagonismo masculino. Encontramos, assim, o mesmo padrão descrito na literatura sobre o tema que sugere a prevalência do engajamento masculino, muito comum em ações coletivas e, particularmente, na cultura *hip hop* (WELLER, 2005; FILLIEULE; MATHIEU; ROUX, 2007).

A análise desse conjunto de fontes e materiais será apresentada a seguir em dois eixos: (i) sobre os efeitos de lugar na formação das disposições do projeto de futuro desses jovens, formuladas pela socialização primária, especialmente a familiar; e (ii) sobre os ajustes operacionalizados pelos jovens em suas percepções sobre suas chances objetivas, formuladas a partir de suas múltiplas experiências e socializações.

**"VALORIZEM O ESFORÇO DESSA GALERA QUE VAI CONTRA AS ESTATÍSTICAS DO ESTADO E LUTAM PELOS SEUS SONHOS"**

O título acima é o excerto de uma legenda publicada em uma das redes sociais da Roda Cultural. Ele exprime o trabalho operacionalizado pelo grupo de jovens que nasceu, cresceu, vive e atua coletivamente na Rocinha para "lutar" pelos sonhos, apesar das estatísticas e da degradação de certas regiões, resultado de políticas do Estado.

A Rocinha é considerada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como um dos maiores aglomerados subnormais do Brasil, e o maior do Rio de Janeiro. Em 2019, o IBGE estimou que a favela tinha 25.742 domicílios e entre 69 mil e 220 mil habitantes. A renda média das pessoas que aí vivem é de R\$ 478,48. Suas características socioespaciais contrastam com as dos bairros vizinhos (Gávea e São Conrado), que estão entre os IPTUs mais altos da cidade. Esses bairros nobres objetivam as marcas profundas das desigualdades. Um morador de São Conrado pode viver 23 anos a mais que um morador da Rocinha (CASA FLUMINENSE, 2020).

Apesar do contraste da Rocinha com os bairros vizinhos, se comparada com outras favelas das regiões Oeste e Norte do Rio de Janeiro, ela está em um lugar

privilegiado, a Zona Sul. Essa região é uma das áreas mais valorizadas da cidade, favorecendo que a população da Rocinha tenha acesso a transportes que levam rapidamente às áreas de maior movimento econômico e cultural da cidade, facilitando a busca do emprego no entorno, além de uma maior facilidade de acesso às instituições educacionais e às áreas de lazer fora da favela.

Internamente, a Rocinha também dispõe de um comércio farto de lojas de grandes nomes, pequenos comércios e prestação de serviços locais, como lotéricas e bancos, que servem para atender os moradores sem precisar de grandes deslocamentos, sendo, também, uma possibilidade de oferta de emprego próximo de casa. A vulnerabilidade interna da Rocinha, como a violência inerente ao contexto de “guerra às drogas”, entre a segurança armada do comércio ilegal de entorpecentes e as forças policiais, acaba deixando a população local em um ambiente “hostil”.

Se, por um lado, como Bourdieu (1993) mostra, as políticas de Estado favorecerem a construção de grupos homogêneos na distribuição socioespacial, como vemos na Rocinha, em seu contraste com os bairros vizinhos, que ocupam posição de prestígio e se apresentam como espaços dotados de capital econômico, social, cultural; por outro, a Rocinha está longe de ser um espaço físico e social homogêneo.

O acesso à favela pode se dar por ruas, mas também por pequenas travessas, escadarias e becos. A existência ou não de saneamento básico varia entre as regiões da Rocinha. Na maioria das casas, há água encanada, porém, alguns moradores utilizam poços de água como fonte de abastecimento. As casas variam desde as mais vulneráveis, feitas de madeira, podendo ou não ter janelas, até as de alvenaria, cuja arquitetura pode ser simples ou mais luxuosa.

No que se refere ao mercado de trabalho, nota-se um número considerável de trabalhadores que oferecem sua mão de obra nos bairros luxuosos do entorno, tais como profissionais da limpeza, da construção civil, de serviços de manutenção, vendedores, caixas, entre outros trabalhos, podendo ou não ter contratos formais, além dos entregadores, que vendem seu trabalho via plataformas digitais. Se a Rocinha tem boas oportunidades de trabalho, por sua localização, a média de escolaridade de sua população, em 2019, foi de 5,6 anos de estudos.

É nessa configuração socioespacial específica que os jovens em foco neste trabalho estão inseridos. Em relação ao conjunto da cidade e dos bairros vizinhos, eles vivem em um lugar de baixo prestígio social, ocupando posições baixas na hierarquia social, compondo grupos sociais de origem bastante modesta. Não obstante, quando interrogados sobre seus projetos de futuro, todos os jovens aspiram sucesso como produtores e artistas da cultura *hip hop*, refutando uma expectativa vinculada ao sucesso escolar e a resignação aos trabalhos de baixo prestígio social.

Leonardo, Pedro, Rodrigo e Célia, nomes fictícios criados para garantir o anonimato dos jovens, projetam o futuro em atividades que eles já desenvolvem na Roda Cultural da Rocinha, mas vislumbrando o acesso a posições de maior prestígio e retorno financeiro do que têm atualmente, como podemos ver em suas falas, a seguir:

Leonardo – O que eu mais quero agora é ter o meu espaço pra trabalhar. Marcar *shows* para os moleques. Já tô encaminhando, tô regularizando todos os documentos, aí o espaço do estúdio já tá lá, fica abaixo da casa da minha mãe. Então, é muito importante ter

esse espaço, né, porque, assim, eu sou alguém que acredita nessa galera da Rocinha.

Célia – A produção audiovisual me escolheu. Hoje quero investir nisso, quero continuar no ramo do *rap*, fazer clipes, produzir conteúdo. Eu quero comprar material novo e fazer um curso para aprender mais e mais. (...) Hoje em dia, não me vejo fazendo outra coisa, eu quero ser reconhecida no meio audiovisual do *rap*.

Rodrigo – Cara, meu sonho é me ver em cima do palco, fazendo bastantes *shows*, inclusive fora do Brasil, antes queria viajar para trabalhar em hotel, hoje quero viajar para cantar, quero abrir minha gravadora, investir no *hip hop*, o *rap* me fez querer isso. Escrever e cantar é um ato político.

Leonardo pretende viver financeiramente como produtor de eventos; Pedro e Rodrigo como *rappers*; Célia, na produção audiovisual de artistas da cultura *hip hop*. De certa forma, o projeto profissional desses jovens já está em curso, uma vez que, em certa medida, todos já ganham algum retorno financeiro (ainda que modesto) com essas atividades. Leonardo produz a Roda Cultural da Gávea, além de fazer parte da equipe do artista plástico Maxwell Alexandre (nascido na Rocinha e com projeção nacional e internacional). Pedro gravou músicas e abriu *shows* do Felipe Ret, *rapper* renomado na cena carioca. Rodrigo representou a Zona Sul nas batalhas estaduais de rima do Rio de Janeiro, recebendo premiação em dinheiro como resultado de suas vitórias. Célia já fez a produção audiovisual de *rappers* renomados, como Djonga, Froid e BK.

Como explicar que esses jovens tenham um projeto de futuro tão ambicioso, desconsiderando a ideia difundida socialmente de mobilidade social via escolarização? Analisando as trajetórias sociais da família desses jovens, notamos que se trata de um grupo relativamente homogêneo entre si, mas longe de ser a realidade de todos os moradores da Rocinha, pela própria diversidade socioeconômica existente no interior da favela. No caso em tela, todas as famílias experimentaram uma ascensão social, ainda que modesta. Os pais ou responsáveis pelos jovens são migrantes (oriundos de Minas Gerais e diferentes regiões do Nordeste). Eles chegaram ao Rio de Janeiro buscando obter melhores trabalhos e condições de vida. A família materna e paterna de Pedro, nas duas gerações anteriores, é carioca, assim como a família materna de Célia.

Em todas as famílias, os avós não chegaram a completar a primeira etapa do ensino fundamental, e alguns deles não tiveram nenhuma escolarização. Os avós foram os mais atingidos pela falta de acesso à escola (três deles). O único que passou pela escolarização não passou do ensino fundamental. As avós tiveram maior acesso à escola, mas interromperam os estudos em diferentes séries do ensino fundamental, não ultrapassando o terceiro ano. Apenas uma avó nunca frequentou a escola.

As ocupações dos avós foram em atividades manuais, de grande exigência física e de baixo prestígio social. Os avós trabalharam na agricultura, como feirantes, ou em obras, como pedreiros, ou em serviços gerais. As avós cuidavam das atividades domésticas do próprio lar, e duas entre elas tinham algum trabalho remunerado, uma como costureira e a outra realizando limpeza.

Ainda que desprovidos de uma herança cultural via escolarização e ascensão profissional, os pais dos jovens migraram de seus lugares de origem, na perspectiva de encontrar melhores trabalhos e uma vida com maior conforto que a geração anterior.

As mães de Pedro e Leonardo trabalharam fazendo limpeza. A tia de Rodrigo, responsável pela educação dele desde criança, pois a mãe o deixou ainda bebê e o pai foi para o sistema prisional quando ele era pequeno, teve várias atividades profissionais, como vendedora, babá e garçom. Apenas a mãe de Célia conseguiu romper com os trabalhos manuais e de prestação de serviço; por ter feito magistério, pôde trabalhar em escolas, o que permitiu que, posteriormente, ela pudesse cursar Pedagogia em uma faculdade privada e trabalhar como professora.

Ao longo do tempo, os pais dos jovens alcançaram postos melhores, conquistando atividades como autônomos, de modo a garantir uma renda que tirasse as mães dos trabalhos com limpeza. As ocupações iniciais dos pais foram de ajudante de cozinha, cobrador em transportes coletivos da comunidade, e professor de boxe. Posteriormente, eles foram avançando para postos melhores: de ajudante de cozinha para cozinheiro; de cobrador para proprietário de van que realiza o transporte na Rocinha; de professor de boxe sem certificação que vende seu trabalho para estudante de Educação Física, que, após sua formação, passa a atuar em seu próprio espaço.

O resultado dessa ascensão, ainda que modesta, dos pais, na maior parte dos casos por meio de seus próprios negócios, permitiu que as mães deixassem de trabalhar com atividades manuais e de prestação de serviços e se concentrassem nos cuidados do lar. Leonardo, que, além do pai, tem a presença presente do padrasto, também viu a ascensão deste, pela renda oriunda do seu comércio de bebidas na Rocinha. No caso do Rodrigo, a tia recebeu um volume de dinheiro após a morte do irmão, que permitiu que ela comprasse casas na Rocinha e vivesse da renda de aluguéis, deixando de vender sua força de trabalho para outra pessoa.

É pelo abandono do Estado e, assim, pelas redes informais e precarizadas, que os pais dos jovens conseguem participar de um mercado interno, seja por meio da oferta de transporte e serviços, seja pelo aluguel de imóveis, e construir uma renda oriunda da própria comunidade. Mesmo que esta seja uma ascensão social pequena, as famílias experimentaram alguma mobilidade, o que representou o rompimento com a venda da mão de obra em atividades modestas, passando à conquista de sustento econômico como autônomos. A pequena ascensão social e econômica obtida pela mobilidade espacial, por meio de atividades fora do mercado formal, isso quer dizer, sem precisar vender a mão de obra, parece constituir as disposições de futuro desses jovens, que buscam melhorar sua posição por outro circuito que não o mercado formal de trabalho.

A ascensão social e econômica relativa (pois há a incerteza da estabilidade financeira ao longo do tempo, especialmente para aqueles que vivem de seus pequenos negócios e de renda) não veio associada à escolarização. Os pais dos jovens, na maior parte dos casos, não concluíram o ensino fundamental, chegando, no máximo, ao sexto ano. Com exceção da mãe da Célia e do pai do Pedro, que fizeram faculdades privadas, os demais avançaram poucos anos a mais de escolarização do que a geração anterior.

Isso não representou que as famílias não investissem na escolarização dos filhos. Ao contrário, os pais viam nos certificados escolares uma possibilidade de seus filhos "se tornarem alguém". Ao mesmo tempo, a escolarização era uma forma de evitar

(especialmente os garotos) de "irem para o crime" e "fazerem coisas erradas". A preocupação com a moralidade na educação dos filhos fez com que todas as famílias promovessem a socialização religiosa de seus filhos (dois católicos, um evangélico e um espírita). Independentemente desses investimentos, os jovens em foco não viram na escolarização um caminho para ascensão social, como veremos a seguir.

"ADMITEM-SE SONHADORES: NÃO PRECISA TER CURSO SUPERIOR"<sup>3</sup>

O verso do poeta Sérgio Vaz retrata por onde caminham os sonhos daqueles que vivem nas periferias dos grandes centros urbanos. Os jovens desta pesquisa têm em comum o abandono do sistema escolar, diferenciando o momento de saída. Célia interrompeu os estudos ao final do ensino fundamental, Pedro parou no segundo ano do ensino médio, Rodrigo concluiu o ensino médio e fez um curso profissionalizante em hotelaria, e Leonardo entrou no curso superior de Serviço Social, mas não concluiu.

Por mais que os jovens tenham deixado o sistema educativo em diferentes etapas do ensino, nunca estiveram em situação de vulnerabilidade econômica e social que os impedisse de estudar. Ao contrário, as famílias liberaram os jovens do trabalho para se dedicarem à escola. A saída nunca foi percebida pelos familiares como positiva. As razões dadas pelos jovens para a interrupção variam.

Célia completou apenas o ensino fundamental, com muitas reprovações, e não quis prosseguir nos estudos, apesar do incentivo materno. Para ela, a escola "era muito chata", e ela "não gostava do ambiente". A escola foi substituída por trabalhos de baixa remuneração (vendedora, recepcionista em casa de festa) e, aos dezenove anos, a gravidez não planejada veio acompanhada do casamento e da diminuição de chances de trabalho, como já vem sendo apontado por estudiosos do tema (GUIGINSKI, WAJNMAN, 2019).

A família de Pedro sempre fez fortes investimentos na escolarização do filho, em busca de melhor projeção social. Entretanto, sua experiência escolar não foi positiva, o que é bastante comum para várias crianças negras, de origem popular (LOUZANO, 2013). Ele conta que era provocado pelos colegas e, quando reagia, era culpabilizado, trazendo o sentimento de que os adultos não o escutavam e que "a escola não sabia lidar" com ele. A mãe, que era frequentemente chamada, confiando na "crença da legitimidade" dos profissionais, buscava reafirmar em casa os vereditos escolares (THIN, 2010, p. 68). Para Pedro, como ocorre para muitas crianças dos grupos populares, a escola não causava nenhuma identificação, tornando-se um lugar pouco prazeroso, em que ele vivenciou uma série de reprovações, levando-o a interromper a escolarização no segundo ano do ensino médio, para frequentar as rodas de rima.

Diferentemente de Pedro e Célia, Rodrigo, que se declara como branco, sempre foi considerado bom aluno, ganhando destaque na escola. Os professores, reconhecendo o seu bom desempenho, incentivaram o jovem em processos de seleção em escolas particulares, para aquisição de bolsas escolares. Porém, por mais que ele fosse aprovado em colégios de elite com bolsa integral, convidado para viajar para o exterior ou para outros estados para jogar futebol, a falta de uma guarda legal por parte da tia resultava na impossibilidade de vivenciar as oportunidades escolares e



extraescolares. Com medo de que o sobrinho precisasse ficar sob guarda do Estado até que o processo de adoção fosse finalizado, nunca houve formalização jurídica para a tutela do sobrinho pela tia. O Estado, formatado em regras que, muitas vezes, pouco conversam com a realidade social, impossibilitou o acesso às oportunidades que poderiam colocar o jovem em posições mais vantajosas socialmente.

Após a formação técnica em hotelaria e a inserção profissional com um salário considerado bom, ao ser acometido por um problema de saúde, todos os acúmulos financeiros previstos para uma viagem para o exterior foram gastos, mudando completamente sua percepção sobre o futuro. Ele saiu do trabalho no ramo de hotelaria para fazer o que lhe dava prazer: as rimas.

Leonardo seguiu os estudos até o ensino superior, mas abandonou o curso por não se identificar com a profissão. Antes de investir no ensino superior, Leonardo serviu o exército, e desejava investir na carreira de paraquedista militar. Entretanto, sentia que seu desempenho era medido pela sua localidade de moradia. Havia um discurso entre os militares de que a formação no exército de jovens da favela representava uma ameaça, pois eles seriam recrutados para o tráfico. Esse estigma gerou um sentimento de desencorajamento ao investimento na carreira militar. Tal sensação encontra força no estereótipo que faz parte das visões de mundo presentes na realidade social, que correlacionam jovens negros, pobres e moradores da favela à marginalidade, ao tráfico e à criminalidade (BATISTA, 2003).

As diferentes barreiras encontradas em suas trajetórias, como o preconceito racial, o estigma por serem moradores da favela, as desigualdades de gênero no mercado de trabalho, a estrutura burocrática do Estado e uma escola pouco estruturada para os grupos populares colaboraram para reforçar o não desejo de investirem nas certificações escolares ou em atividades profissionais decorrente delas. Somando isso às experiências e aos constrangimentos sociais que eles próprios vivenciaram pela posição econômica, social e cultural ocupada, tudo parece indicar que, devido à não constatação de pessoas do seu entorno ascenderem socialmente via escola, essa alternativa foi considerada interdita para o grupo.

Frente à impossibilidade de ascender via escolarização, os jovens reinventaram suas aspirações, readequaram seus projetos e driblaram impedimentos e frustrações da realidade vivenciada. Diferentemente dos constrangimentos sociais experimentados, o engajamento na Roda Cultural da Rocinha trouxe retribuições e gratificações mais positivas que as experiências escolares ou profissionais, tornando a atuação com a cultura *hip hop* uma possibilidade mais concreta que a ideia de escolarização.

“TUDO, TUDO, TUDO QUE NÓIS TEM É NÓIS”<sup>4</sup>

Ainda que, em todos os casos, as famílias tenham resistido aos investimentos dos jovens na cultura *hip hop*, elas apoiam, indireta ou diretamente, os filhos a investirem em seus sonhos. Oferecem moradia, roupa lavada, comida, poupando-os desses trabalhos, com exceção à Célia, que tem seu próprio núcleo familiar, mas sua renda é apenas um complemento no orçamento. De toda forma, esses jovens sabem que, se algo “der errado”, eles têm um “porto seguro”.

A projeção de futuro assentada no universo da cultura *hip hop* confirmou a hipótese de que a participação enquanto lideranças da Roda Cultural da Rocinha teve

um efeito concreto em suas projeções de futuro. No caso específico dos jovens em questão, é a partir da Roda Cultural que os convites para atividades remuneradas fora da Rocinha surgem. A passagem por essa ação coletiva trouxe retribuições materiais para eles, de modo que a atuação no universo do *hip hop* pudesse ser vista como um futuro profissional. O retorno positivo de seus investimentos alimentou a projeção de sonhos dos jovens.

Além do retorno material experimentado pelas possibilidades de receber alguma remuneração pelas suas atividades vinculadas à cultura *hip hop*, o sentimento de pertencimento ao território, em uma perspectiva de valorização do grupo local, e, portanto, da favela como ela é, em suas características socioespaciais, é vivenciado como oposição e resistência à lógica dominante, que valorizam posições sociais distintas dos jovens em foco. É na atuação na Roda Cultural da Rocinha que as redes de apoio, os vínculos e os laços de confiança se constroem, de modo a integrar maneiras de pensar, de se expressar, e de produzir sentimentos de identificação e companheirismo, em oposição aos projetos dominantes.

Leonardo, que é considerado porta-voz do grupo, diz: "A roda é para dar voz à comunidade, aos favelados que não são ouvidos, aqui nós acreditamos neles". A princípio, a criação da Roda Cultural da Rocinha se dá, nas palavras dos fundadores, por esse desejo de oferecer um ambiente acolhedor, que valoriza aqueles que sofrem os estigmas pelo local de moradia e pelas condições econômicas e sociais, por meio da cultura *hip hop*. Há toda uma economia afetiva em torno do engajamento na Roda Cultural da Rocinha, pois se trata de uma atividade que trouxe retribuições materiais e simbólicas.

No caso dos jovens da pesquisa, eles são reconhecidos na comunidade pela sua atuação; uma vez que fortalecem a economia local nos dias de eventos, são considerados "bons exemplos" pela sua ação. O lugar de liderança da Roda permite que eles tenham sua rede de fãs, beneficiando-se, muitas vezes, dessa posição para ter popularidade com as jovens (para o caso dos três rapazes, dado que a única mulher do grupo é casada e entrou após a criação das atividades).

Vale considerar que o ajustamento da formulação de projeto de futuro visando à atuação na cultura *hip hop* ocorre tanto pelas retribuições materiais e simbólicas oriundas do engajamento na Roda Cultural da Rocinha quanto pela oportunidade de verem, nesse universo, artistas oriundos de regiões consideradas periféricas, da favela, de origem econômica baixa, negros, obtendo sucesso. Conforme dizem os jovens:

Pedro – Eu escuto *rap* desde pequeno, sempre gostei. Me identificava com as letras, porque tinha papo reto. Tá ligado? Contava a realidade, não tinha enrolação. Eu gosto disso. Eu me via crescendo e fazendo isso, cantando para o povo, mandando o papo reto, sem curva. Eu cresci tendo Racionais como inspiração, meu pai escutava Marcelo D2, mas, como achava um papo com muita curva, eu gosto da realidade. O Mano Brown foi uma grande influência, ele tem postura, não é vendido para o sistema, ele é gente como a gente. Tá ligado?

Leonardo – Eu cresci ouvindo *rap* e tenho várias inspirações, mas hoje quem é minha referência é o Emicida, por sua inteligência e reflexões, por criticar o sistema e por ele ter tido vivências parecidas com a minha. Sabe? Assim como o Emicida é referência para mim, eu também quero ser referência para os meninos da minha área.

Os nomes aqui citados são de homens negros, oriundos de regiões periféricas da cidade e que cresceram em situações precarizadas e excluídos de boas condições de vida. Eles possuem histórias de vida semelhantes às dos jovens em questão, seja pela cor da pele, seja pela condição socioeconômica, seja, ainda, por residirem em lugares desassistidos pelo Estado. O compartilhamento dos mesmos dramas sociais, expressos em suas canções, cria um lugar em comum entre eles, mas também possibilita o reconhecimento de que sujeitos em posições homólogas às suas possam ter uma trajetória de ascensão e destaque.

Ter essas referências de artistas não é desprezível, ao contrário, é uma amostra de que é possível, apesar das condições pouco favoráveis, chegar, por meio do universo do mundo *hip hop*, em posições de prestígio econômico e social.

Rodrigo, o único garoto branco, conta que se aproximou do *rap* com 18 anos, por um amigo que o levou para conhecer uma batalha de rima e, desde então, ele se encantou e não parou de fazer rimas. Em suas palavras:

Rodrigo – Eu via os meninos da minha idade voando. Sabe? Ganhando dinheiro, reconhecimento, falando sobre a nossa realidade, transmitindo informações. Eu me apaixonei por aquilo e de poder fazer *rap*. Exemplo, o Orochi eu assistia às batalhas dele no Youtube, do nada o cara explodiu, eu acompanhava ele, antes dele ser famoso. Eu hoje tenho planos, quero ganhar a batalha nacional do *rap*.

Na fala do Rodrigo, a ascensão via mundo da arte faz parte de seus próprios planos. A inspiração em artistas com características semelhantes às suas ascendendo socialmente permite que esses jovens sonhem e tornem o campo da arte uma possibilidade para si, uma vez que a presença de pessoas que ascenderam via escolarização é ausente para eles.

#### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os efeitos da Rocinha no projeto de futuro dos jovens moradores da favela e engajados na produção da Roda Cultural parece fazer parte da essência das disposições que orientaram suas aspirações. Pensar um projeto de futuro como produtores e artistas de sucesso da cultura *hip hop* representa se opor aos prestígios oriundos da posição socioespacial dominante, em busca da valorização das regiões periféricas, como são consideradas as favelas.

Apesar das estatísticas da Rocinha, os jovens continuam a lutar por um projeto de ascensão e sucesso. Como vimos, a diversidade no interior da favela mostra que o grupo estudado possui características socioeconômicas específicas. Não se trata de um grupo familiar em extrema vulnerabilidade, ao contrário, são famílias com uma renda

relativamente estável, que viveu uma ascensão social modesta na geração dos pais, liberando as mulheres das atividades profissionais de grande esforço físico, por meio, especialmente, dos negócios próprios, formados no mercado interior da Rocinha.

A ideia de ascensão, especialmente sem a necessidade de venda da mão de obra, parece constituir uma disposição para os filhos, que, por sua vez, operacionalizaram um ajuste de seus projetos ao longo de suas trajetórias. Os jovens em foco receberam, por parte da família, incentivos para a escolarização. Entretanto, com a escolarização não se tornando uma alternativa possível, fosse pelas experiências escolares pouco positivas ou pela falta de experiências profissionais que oferecessem a perspectiva de ascensão, os jovens passaram a se dedicar a construir a Roda Cultural da Rocinha.

A atuação na Roda Cultural da Rocinha, além de valorizar a cultura e a realidade socioeconômica da favela, oferece o reconhecimento não obtido na escolarização, seja pela comunidade local, seja pelos frequentadores, estendendo seus nomes para fora da própria Rocinha. É o engajamento na Roda Cultural que oferece as retribuições simbólicas e materiais, que confirmam que projetos de futuro já estão, em certa medida, em curso, pois eles já têm remuneração nas atividades almeçadas.

É nessa experiência engajada que há o ajuste para suas projeções. Eles desejam sucesso, e não reconheceram na escolarização essa possibilidade, já que não viram ninguém do seu entorno ascender via certificação escolar. Ao contrário, são os *rappers* de sucesso, que viveram em condições socioespaciais semelhantes às suas, que confirmam a possibilidade de ascensão por meio da cultura *hip hop*.

Artigo recebido em: 30/04/2023

Aprovado para publicação em: 28/06/2023

---

"EFFECTS OF PLACE" ON THE FUTURE PROJECT OF YOUNG PEOPLE FROM ROCINHA

**ABSTRACT:** This paper aims to understand the future project of young residents of Rocinha, who collectively engaged to produce a "rhyming battle" event, with the notion of effects of place, as proposed by Bourdieu (1993), in the work *The Misery of the World*. The methodology includes semi-structured interviews about the trajectories of four leaders in charge of the activity; direct observations in moments of interaction among them and during the "rhyme battles". The results suggest that young people project themselves as producers and artists of hip hop culture and refuse an expectation linked to school success, as well as resignation to jobs of low social prestige. For this, they operationalize a work of adjustment of their projects, along their trajectories and experiences.

**KEYWORDS:** Youth; Future Projection; Collective Action; Slum.

MORENO, R. C.; ARAÚJO, M. G.

#### “EFECTOS DE LUGAR” EN EL PROYECTO DE FUTURO DE LOS JÓVENES DE LA ROCINHA

**RESUMEN:** Este trabajo tiene como objetivo comprender el proyecto de futuro de jóvenes residentes de Rocinha, que se comprometieron colectivamente a producir un evento de “batalla de rimas”, con la noción de efectos de lugar, propuesta por Bourdieu (1993), en la obra *La miseria del mundo*. La metodología incluye entrevistas semiestructuradas sobre las trayectorias de cuatro líderes responsables de la actividad; observaciones directas en momentos de interacción entre ellos y durante las “batallas de rimas”. Los resultados sugieren que los jóvenes se proyectan como productores y artistas de la cultura hip hop y rechazan una expectativa ligada al éxito escolar, así como la resignación a trabajos de bajo prestigio social. Para ello, operacionalizan un trabajo de ajuste de sus proyectos, a lo largo de sus trayectorias y experiencias.

**PALABRAS CLAVE:** juventud; proyección de futuro; acción colectiva; favela.

---

#### NOTAS

1 - Utilizaremos o termo favela, que é a palavra empregada pelos jovens entrevistados. Assim se identificam e se apresentam ao falar sobre sua forma de atuação com a juventude da Rocinha.

2 - Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa através do sistema de Comitês de Ética em Pesquisa/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CEP/CONEP). O número do processo desta pesquisa é 41816720.6.0000.5582.

3 - Trecho do poema *Fábrica de sonhos*, de Sérgio Vaz.

4 - Trecho da canção *Principia*, do rapper Emicida.

---

#### REFERÊNCIAS

BATISTA, V. M. **Difíceis ganhos fáceis:** drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BOURDIEU, P. Avenir de classe et causalité du probable. **Revue française de sociologie**, Paris, v. 15, n. 1, p. 3-42, 1974.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, P. (org.). **La misère du monde**. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

CARRANO, P. O jovem brasileiro e a escola diante da precarização da vida e de desafios democráticos. *In*: FUNDAÇÃO SM. **Observatório da Juventude na Iberoamérica**. [S. l.]: Fundação SM, 2019. Disponível em: <https://paulocarrano.blog/2019/09/04/o-jovem-brasileiro-e-a-escola-diante-da-precarizacao-da-vida-e-de-desafios-democraticos/>. Acesso em: 5 jul. 2023.

CASA FLUMINENSE. **Mapa da desigualdade:** região metropolitana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa Fluminense, 2020. Disponível em: [https://casafluminense.org.br/wp-content/uploads/2020/07/mapa-da-desigualdade-2020-final\\_compressed.pdf](https://casafluminense.org.br/wp-content/uploads/2020/07/mapa-da-desigualdade-2020-final_compressed.pdf). Acesso em: 5 jul. 2023.

FILLIEULE, O. Temps biographique, temps social et variabilité des rétributions. //: FILLIEULE, O. (org.). **Le désengagement militant**. Paris: Belin, 2005. p. 17-47.

FILLIEULE, O.; MATHIEU, L.; ROUX, P. Introduction: militantisme et hiérarchies de genre. **Politix**, Paris, n. 78, p. 7-12, 2007.

GONÇALVES, R. A. Rodas culturais – a arte nas praças cariocas. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, n. 8, p. 441-450, 2014.

GUIGINSKI, J.; WAJNMAN, S. A penalidade pela maternidade: participação e qualidade da inserção no mercado de trabalho das mulheres com filhos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 36, p. 1-26, 2019.

LOUZANO, P. Fracasso escolar: evolução das oportunidades educacionais de estudantes de diferentes grupos raciais. **Cadernos Cenpec**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 111-133, jun. 2013. Disponível em: <https://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/205/236>. Acesso em: 5 jul. 2023.

MORENO, R.; ALMEIDA, A. O engajamento político dos jovens no movimento hip-hop. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 130-142, 2009.

NOGUEIRA, M. A.; RESENDE, T. de F. Com e para além de Bourdieu: revisitando duas teses centrais. **Educação e Sociedade**, Campinas, n. 43, p. 1-17, 2022.

PERLMAN, J. Marginalidade: do mito à realidade nas favelas do Rio de Janeiro (1969-2002). //: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, X., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: ANPUR, 2003.

RI POLL, F. Espace physique/espace géographique. //: SAPIRO, G. **Dictionnaire international Bourdieu**. Paris: CNRS Éditions, 2020, p. 303-305.

SPOSITO, M. P.; ALMEIDA, E.; CORROCHANO, M. Jovens em movimento: mapas plurais, conexões e tendências na configuração das práticas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 41, p. 1-20, 2020.

SPOSITO, M. P.; TARÁBOLA, F. S. Entre luzes e sombras: o passado imediato e o futuro possível da pesquisa em juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 71, p. 1-25, 2017.

MORENO, R. C.; ARAÚJO, M. G.

THIN, D. Famílias populares e instituição escolar: entre autonomia e heteronomia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, p. 65-77, 2010.

TOMIZAKI, K.; DANILIAUSKAS, M. A pesquisa sobre educação, juventude e política: reflexões e perspectivas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 29, n. 1, p. 214-238, 2018.

WELLER, W. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. **Revistas Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 13, v. 1, p. 107-126, 2005.

---

ROSANGELA CARRILO MORENO: Professora adjunta da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutora em Educação pela Unicamp, com estágio no exterior na École des Hautes Études en Sciences Sociales/ Paris. Trabalha com a perspectiva da Sociologia da Educação, pesquisando temáticas como militância, ação coletiva, juventude, políticas públicas e educação de jovens e adultos.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3828-1349>

E-mail: romorenoufrj@gmail.com

---

MARIANA GOMES ARAÚJO: Pedagoga, pesquisadora voluntária, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professora no Colégio Andrews.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3333-1634>

E-mail: mariaraujo962@gmail.com

---

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 4.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).